

Traços da fenomenologia da linguagem em Merleau-Ponty em Moscovici

Traces of Merleau-Ponty's phenomenology of language in Moscovici

DOI:10.34117/bjdv6n11-169

Recebimento dos originais: 19/10/2020

Aceitação para publicação: 10/11/2020

Eleno Marques de Araújo

Doutor em Ciências da Religião pela PUC/GO

Centro Universitário de Mineiros/Go (UNIFIMES)

Endereço: Rua Rio Claro, s/n, Qd. 12, Lt. 15, Residencial Santa Maria, 75835-383 Mineiros Goiás

E-mail: profelenoaraujo@outlook.com

Vania Maria de Oliveira Vieira

Doutorado em Educação - Psicologia da Educação pela PUC/SP

Instituição: Universidade de Uberaba - UNIUBE - Programa de Pós-Graduação em Educação.

Endereço: Uniube: Av. Nenê Sabino, 1801 - Bairro Universitário - Uberaba - MG, CEP 38055 - 500

José Humberto Rodrigues dos Anjos

Doutor em Educação Pela UNIUBE

Centro Universitário de Mineiros - GO (UNIFIMES)

Endereço: Rua 22, Qd. 09, Lt 09 Cidade Nova, 75.830-000

RESUMO

Este artigo é o segundo de um conjunto de três produções resultantes de uma pesquisa pós-doutoral realizado no Programa de Pós-graduação em Educação, na Universidade de Uberaba – UNIUBE, sobre os conceitos fundantes da Teoria das Representações Sociais, advindos da *Fenomenologia de Merleau-Ponty*. Aqui abordamos o segundo elemento que se constitui da fenomenologia da linguagem o qual, de fato, complementa a expansão do primeiro ponto, no que concerne ao corpo. No primeiro artigo discorreremos sobre o conceito de *Lebenswelt* e de Husserl enfatizando a experiência de vida como um sistema dinâmico e aberto. Este primeiro elemento, se amplia para o segundo, e é marcado pela dinamicidade da vida aberta a novas contingências fenomênicas, o que permite a materialização e compreensão das representações sociais de qualquer sujeito, seja ele individual ou coletivo. Finalmente no terceiro ensaio abordamos a Fenomenologia da Percepção, de Merleau-Ponty (2015), que contribuiu para a cristalização do conceito de representação social por Moscovici.

Palavras-Chave: Teoria das Representações Sociais, Fenomenologia, Percepção, Merleau-Ponty.

ABSTRACT

This article is the second of a set of three productions resulting from post-doctoral research carried out in the Post-Graduate Program in Education, at the University of Uberaba - UNIUBE, on the founding concepts of the Theory of Social Representations, arising from the Merleau-Ponty's Phenomenology. Here we broach the second element that constitutes the phenomenology of language, which in fact, complements the expansion of the first element, related to the body. In the first article, we discussed the concept of *Lebenswelt* and Husserl emphasizing the experience of life as a dynamic and open system. This first element extends to the second and is marked by the dynamism of life open to new phenomenal contingencies, which allows the materialization and understanding of the social

representations of any subject, be it individual or collective. Finally, in the third essay, we approach Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception (2015), which contributed to the crystallization of the concept of social representation by Moscovici.

Keywords: Theory of Social Representations, Phenomenology, Perception, Merleau-Ponty.

1 INTRODUÇÃO

Reconhecemos, neste estudo que, embora Serge Moscovici tenha buscado, inicialmente, nos Fatos Sociais de Émile Durkheim a sustentação teórica para sua teoria, não deixou de apropriar-se de outras contribuições de diferentes áreas, tais como: a teoria do conhecimento, que, desde os gregos clássicos até os filósofos contemporâneos, têm discutido as possibilidades e condições de conhecer. A psicologia social legou, sobretudo, a dupla dimensão do individual, do coletivo e seus problemas sociais, políticos, econômicos e religiosos. Já a cibernética aportou à compreensão dos processos de comunicação, fundamentais para identificar as representações, sejam individuais ou coletivas, e, fundamentalmente, posto aqui como objeto de estudo, a fenomenologia de Merleau-Ponty.

Observamos que Moscovici apoiou, dos construtos teóricos da fenomenologia pontyana, pelo menos em três elementos essenciais: a) o primeiro segue o conceito de *Lebenswelt* e de Husserl enfatizando a experiência de vida como um sistema dinâmico e aberto; b) o segundo foi a fenomenologia da linguagem e isso, de fato, consistiu na expansão do primeiro ponto, no que concerne ao corpo; c) e o terceiro, objeto de estudo desta pesquisa, está a Fenomenologia da Percepção, de Merleau-Ponty (2015), que o ajudou a cristalizar o conceito de representação social. O primeiro elemento, se amplia para o segundo, e é marcado pela dinamicidade da vida aberta a novas contingências fenomênicas, o que permite a materialização e compreensão das representações sociais de qualquer sujeito, seja ele individual ou coletivo. O segundo diz respeito ao corpo, por meio dele entramos em contato com o mundo e fazemo-nos presentes. Dessa forma, o mundo é percebido e construído por mediações sensíveis e perceptíveis ao corpo.

O terceiro elemento, assumido da fenomenologia pontyana por Moscovici, trata da própria percepção. As formas de perceber são amplas, complexas e, por vezes, multiformes. Elas podem se dar por atividades mentais (psíquicas), pela empiria (campo material) e, também, pela soma das duas, pela ilusão fantasmagórica, além de outras. Assim sendo, as representações sociais vão além dos Fatos Sociais apontados por Durkheim, uma vez que o sujeito ou a comunidade imbricada no processo representativo tem a oportunidade de expressar seu estado de espírito em que cada representação significa para si mesma. Neste sentido, compreender os conceitos fundantes da Teoria das

Representações Sociais torna-se importante para pesquisadores que utilizam esse referencial teórico na condução de suas pesquisas.

Da psicologia social, Moscovici apropriou-se do aparato da própria disciplina que estuda as questões importantes da sociedade, resultantes da economia, da política, da religião, das relações sociais estabelecidas em sociedade, bem como da história. Neste contexto, ele utilizou, também, do conteúdo já investigado por dois cientistas: “Durkheim e Plekhanov que tinham uma preocupação em comum: o estudo do conhecimento social”. (MARKOVÁ, 2017, p. 361). Entretanto, há uma diferença entre essas abordagens: “enquanto Durkheim examinava o conhecimento social no campo da sociologia, Plekhanov deu atenção a possíveis contribuições para a psicologia social no campo do conhecimento político”. (MARKOVÁ, 2017, p. 361).

Moscovici canalizou o resultado dos estudos em torno da psicologia social de Durkheim e Plekhanov, uma vez que esta disciplina está estrategicamente localizada na estrutura social. Diante disso, Marková (2017, p. 361) considera-se que a “posição estratégica da psicologia social é dada pelo seu potencial de agir em resposta aos fenômenos econômicos, políticos, históricos e sociais”. Com base nestas afirmações apresentamos a seguir os objetivos e metodologia adotada na composição deste ensaio.

2 OBJETIVOS

Estabelecemos como objetivo geral: compreender e discutir as contribuições da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty para a criação dos conceitos fundantes da Teoria das Representações Sociais de Moscovici.

Como objetivos específicos foram estabelecidos os seguintes: a) Discutir a teoria da fenomenologia de Merleau-Ponty a partir das três dimensões constatadas por Moscovici: vida aberta, linguagem e percepção; e b) Estabelecer um diálogo entre a fenomenologia de Merleau-Ponty e a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici destacando pontos convergentes e divergentes.

3 METODOLOGIA

Segundo Gil (2010, p. 45) a pesquisa de revisão bibliográfica se desenvolve por meio de um processo que inclui a realização de, pelo menos, nove passos que vai desde a escolha do tema até a redação do texto final a ser apresentado concluindo todo o trabalho realizado.

Os nove passos metodológicos são:

“a) escola do tema” – é o momento em que o pesquisador toma a decisão de pesquisar o assunto X e coloca o título para o seu trabalho, mesmo que de forma provisória, ou seja o um nome a sua pesquisa;

“b) levantamento bibliográfico preliminar” – este passo constitui-se de uma tomada de consciência se a pesquisa é exequível ou não. Se existem fontes onde o pesquisador possa explorar os dados teóricos para a fundamentação de seu trabalho;

“c) formulação do problema” – qual a necessidade de pesquisar o assunto escolhido? Por que o assunto é importante para a comunidade ou para a ciência? A pesquisa inicia com um problema e termina com a resolução do mesmo, isto é, oferecendo resposta ao problema levantado;

“d) elaboração do plano provisório do assunto” – aqui é o momento em que ficam demarcadas, mesmo que de forma provisória, quais as etapas serão necessárias para que a pesquisa seja desenvolvida;

“e) busca das fontes” – após a leitura do material selecionado inicialmente, no passo b, faz-se necessário buscar fontes complementares que facilitem o desenvolvimento da pesquisa;

“f) leitura do material” – este passo é fundamental, uma vez que ele permite a inclusão ou o descarte de certas fontes, haja vista, que algumas obras podem parecer inicialmente importantes, mas, ao passo que com uma leitura mais profunda, tal fonte oferece ou não elementos significativos para a pesquisa;

“g) fichamento” – este é o momento em que o pesquisador apropria de dados, informados através da leitura e que aportarão o substrato teórico para a construção das etapas finais;

“h) organização lógica do assunto” – neste oitavo passo, a pesquisa passa por uma estruturação lógica, onde o pesquisador deve colocar de forma sequencial os assuntos a serem escritos na última etapa da pesquisa;

“i) redação do texto” – o último passo é para muitos o “leviatã” da pesquisa! Escrever é uma tarefa que não é tão simples como pode parecer. Quando investiga o currículo de muitos professores, constata-se, em muitos casos, uma baixa ou quase inexistência de publicações. A conclusão é óbvia nem todos têm facilidade para escrever. Entretanto, sem a produção final da pesquisa, ela não se concretiza. Tudo termina com o produto final, isto é, o texto que descreve o resultado da pesquisa realizada.

Neste sentido, como desdobramento do tema desta pesquisa foram exploradas duas fontes primárias que a nortearam. Em primeiro lugar a *Fenomenologia da Percepção* de Maurice Merleau-Ponty. De onde Moscovici apropriou-se de três ideias abordadas por Merleau-Ponty: vida aberta, que

se manifesta em um corpo; fenomenologia da linguagem e fenomenologia da percepção. A leitura e o fichamento foram realizadas na edição da Martins Fontes (2015). Em segundo lugar os estudos centraram-se nas obras, *Representações sociais: investigações em psicologia social* de Moscovici, publicada pela Editora Vozes, em que Moscovici apresenta os conceitos de sua teoria.

Uma vez postas as fontes primárias buscaram-se obras complementares, a fim de enriquecer e aprofundar a compreensão dos conceitos fundantes da TRS. Neste sentido, procedeu-se uma busca na internet por artigos em periódicos, dissertações e teses que contribuíssem com o produto final da pesquisa.

A apropriação das informações se deu por meio do princípio metodológico constituído de leitura e fichamentos das obras selecionadas. De posse dos dados fichados passou-se a produção de textos, como artigos científicos e o relatório final do estágio.

Passaremos a descrever, na sequência, o segundo elemento indicado por Marková (2017) o qual Moscovici apropriou-se a partir de seus estudos da fenomenologia da linguagem.

Fenomenologia, linguagem e corpo como expressão e fala

Seguindo o caminho proposto por Marková (2017), como já dissemos, passamos a abordar o segundo destes tópicos o qual complementa o conceito de *Lebenswelt* de Husserl, vida aberta e dinâmica no mundo, discutido acima, como primeiro elemento.

Merleau-Ponty (2015, p. 237) observa que em se tratando de fala e significação já é possível superar a dicotomia sujeito e objeto como fora classicamente tratado: “Procurando descrever o fenômeno da fala e o ato expresso de significação, poderemos ultrapassar definitivamente a dicotomia clássica entre o sujeito e o objeto”. Também, Jesuino (2014, p. 54) corrobora com esta linha de pensamento entre representação e significado ao afirmar que o:

Acentuar da significação, sobretudo na ideia de que qualquer coisa possa representar qualquer coisa que sugere alguma proximidade com a semiótica de Pierce para quem a significação não é mais do que o conteúdo de um signo, e, sobretudo pela ideia da mediação da cadeia dos interpretantes na construção do ‘objeto dinâmico’ pelo sujeito.

Evocando a semiótica pierceana, Jesuino traz à tona, novamente, a questão da representação de um elemento por outro de forma ‘simplista’. Com as representações sociais não ocorre dessa maneira. No tópico anterior, abordamos sobre os conceitos de ancoragem e objetivação como etapas da consolidação de uma representação social e, também, as leituras que centram nos núcleos, central e periféricos, como processos da estabilidade de uma representação social. Dessa forma, não é qualquer

coisa ou objeto que, de antemão, significa uma representação social, a não ser que o grupo ou indivíduo apropriou-se dessa coisa e transformou-a por meio da significação em uma representação.

O ser humano nasce com a possibilidade de desenvolver a linguagem. Evidentemente algumas pessoas, por alguma anomalia, apresentam dificuldade ou, até mesmo, a impossibilidade da fala. Porém algumas dessas pessoas desenvolvem outras habilidades comunicativas, por exemplo, a Língua Brasileira de Sinais. Tendo presente as pessoas que podem desenvolver a linguagem de forma natural, Merleau-Ponty (2015, p. 237) diz que: “A posse da linguagem é compreendida em primeiro lugar como a simples existência efetiva de imagens verbais, quer dizer, de traços deixados em nós pelas palavras pronunciadas ou ouvidas”.

Ora os traços que trazemos são resultados, em primeiro lugar, do processo de socialização ao qual fomos submetidos. A linguagem desenvolvida por cada pessoa é consequência de sua imersão social, de seu contexto histórico-geográfico. Os indivíduos falantes da língua portuguesa ou nasceram no contexto histórico-geográfico que fala português ou foram submetidos aos estudos dessa língua a fim de aprendê-la.

Os relatos sobre a socialização como processo fundamental para o desenvolvimento da linguagem humana, tal como estudos realizados, contam com mais de 50 pessoas que foram privadas do convívio social e, conseqüentemente, não falavam. Porém, aqueles indivíduos, ao serem resgatados e inseridos em um novo contexto, puderam, com certa dificuldade, aprender a falar. Um dos casos mais famosos é o menino de Aveyron¹, em uma província francesa.

É importante contextualizar que a linguagem é formada por grupos sociais, assim, como as Representações Sociais (RS) são constituídas, também, da mesma forma que a linguagem. O processo vai desde o surgimento e estruturação dos elementos linguísticos até às convenções sociais onde são construídos e elegidos os signos e significados da mesma.

Os traços ou imagens de fala ou de audição, mencionadas por Merleau-Ponty, sobre a linguagem deixada nos participantes de determinado grupo social, equivale às RS de uma dada sociedade. É importante ressaltar a afirmação de Moscovici (2012, p. 21) que as representações sociais, além de serem amplas e diversas, cumprem também a função de comunicação dos indivíduos e grupos sociais:

Um sistema de valores, ideias e práticas com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas a orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma

¹ Para maiores informações sobre o menino selvagem, Victor de Aveyron, consulte a obra de SANTOS, Pedro António dos. **Fundamentos de Sociologia Geral**. São Paulo: Atlas, 2013. Santos trata do assunto na 4. parte do livro, ao abordar o assunto da compreensão da vida em sociedade, especificamente à página 105.

comunidade fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da história social.

As RS não são dadas, mas construídas sempre por pessoas que as utilizarão, em seu dia a dia, como elementos de comunicação. Elas são forjadas a partir de valores, ideias, práticas, senso comum, crenças e assim por diante. Quando sua estruturação já está estabelecida, assumem representativamente papéis simbólicos no meio social. Um dos mais importantes é o da comunicação. Assim com as línguas foram desenvolvidas em processos convencionais, as representações também são resultados desses processos. As convenções ajudam no processo de interpretação, de conhecimento e comunicação. Moscovici (2012) ressalta a importância delas na vida dos seres humanos.

Convenções nos possibilitam conhecer sobre a representação que: uma mudança de direção ou de cor indica movimento ou temperatura provinda um determinado sintoma, ou não, de uma doença; elas nos ajudam a resolver o problema geral de saber quando interpretar uma mensagem como significativa em relação às outras e quando vê-la como um acontecimento fortuito ou casual (MOSCOVICI, 2012, p. 34).

Entretanto, a fala como ato de expressão do pensamento é um processo que perpassa várias etapas indo do momento em que as imagens são formuladas nas estruturas neurais até serem pronunciadas ou escritas pelo sujeito pensante. Mas neste ínterim, pode ser também que o indivíduo não desenvolva uma rede de pensamentos completos como se fosse um arquivo e depois só o transmitisse. Tudo acontece simultaneamente, assim, enquanto está pensando ou formulando o pensamento ele já pode ser transmitido cuja fala é o meio imediato da transmissão. Dessa forma, Merleau-Ponty (2015, p. 241) assevera que:

Se a fala pressupusesse o pensamento, se falar fosse, em primeiro lugar, unir-se ao objeto por uma intenção de conhecimento ou por uma representação, não se compreenderia por que o pensamento tende para a expressão como para seu acabamento, por que o objeto mais familiar parece-nos indeterminado enquanto não encontramos seu nome, por que o próprio sujeito pensante está em um tipo de ignorância de seus pensamentos enquanto não os formulou para si ou mesmo disse e escreveu como o mostra o exemplo de tantos escritores.

O pensamento só será conhecido tanto do sujeito pensante, quanto do receptor, na medida em que as imagens na construção do pensamento já estiverem sido formuladas pelo sujeito e transmitidas a um público ouvinte ou leitor, seja através da fala ou da escrita. A semelhança do processo de estruturação e comunicação do pensamento está à criação e estabelecimento das representações sociais. Moscovici (2012, p. 41) assevera que:

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem, se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto as velhas representações morrem.

Há, porém, uma diferença substancial no processo de elaboração do pensamento e da representação social que é o fator coletivo, nesta última, e a individualidade naquele. Retomando a citação de Moscovici, é importante frisar que com o pensamento e a fala, uma vez comunicados e pronunciados, as representações, após seu estabelecimento por meio de convenções, ganham vida própria. Passam a ser entidades com existência real de maior ou menor longevidade, dependendo do uso que a sociedade faz delas. Em seu curso existencial, elas podem resistir às mudanças sociais e culturais, mas podem também ceder espaço e novas representações a serem geradas a partir das anteriores.

Mazzotti (2002) escrevendo sobre figura e símbolo, aplica estes elementos nas representações sociais, porém com duas faces: a figurativa e a simbólica. Segundo ele:

A face figurativa e a face simbólica - na atividade representativa, a cada figura corresponde um sentido e a cada sentido, uma figura. Assim, os processos formativos têm por função destacar uma figura e atribuir-lhe um sentido, ancorando-a no sistema de crenças e valores pré-existentes no grupo; mas têm, sobretudo, a função de duplicar um sentido por uma figura, dando-lhe materialidade, ou seja, objetivando-o (MAZZOTTI, 2002, p. 17).

Os processos formativos aos quais Mazzotti se refere são os das etapas da construção ou elaboração das representações sociais. Escolher uma figura e atribuir-lhe um sentido, ou seja, um significado, é a parte necessária da ancoragem das RS, já a objetivação acontecerá exatamente no momento da duplicação de sentido, comunicando-os ao meio social.

Comentando a famosa questão de Kant, Merleau-Ponty (2015, p. 241) afirma que: “podemos responder que pensar é, com efeito, uma experiência no sentido em que nós nos damos nosso pensamento pela fala interior ou exterior”. Nós experimentamos o ato pensante em primeiro lugar internamente, qualquer palavra que eu expresse, será primeiro imaginada em minha estrutura neural interna, somente após esta experiência é que posso transmiti-la, e isso tudo acontece quase que simultaneamente. Porém, quando o processo de comunicação se conclui torna possível produzir conhecimento a partir do ciclo pensado e externado. Assim como a percepção das representações sociais pode ser resultante também do pensamento publicizado, uma vez que somente nas formas pensadas e comunicadas estão expressas as representações dos indivíduos.

Bertoni e Galinkin (2017, p. 101) para comentar como Moscovici abordou o conhecimento das pessoas em seu cotidiano, fazem menção aos estudos de Almeida e Santos (2011, p. 290). Dessa forma eles asseguram que:

Para dar conta do conhecimento cotidiano, Moscovici (1989) retoma e ressignifica o conceito de representações, tentando, ao mesmo tempo, colocar em evidência a especificidade da psicologia social, na medida em que, com esse conceito, ele a situará na intersecção do individual e do social. (BERTONI E GALINKIN, 2017, p. 101).

Ora ao ressignificar o conceito de representações, Moscovici dá um passo em direção às representações sociais, as transformando em objetos de estudos da psicologia social e não mais no campo da sociologia como eram as representações coletivas de Durkeim. É oportuno ressaltar que na fenomenologia da percepção, os processos de observação do objeto ou campo fenomênico são idênticos. Aliás, ousar dizer que para alcançar os resultados que Moscovici alcançou, ele fez exatamente a mesma coisa que Merleau-Ponty descreve em sua fenomenologia. Dessa forma, Bertoni e Galinkin (2017, p. 101) asseguram que as representações sociais se constituem em “Uma modalidade de conhecimento particular tendo a função de elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos”. Ademais complementam Bertoni e Galinkin (2017, p. 101) que:

Segundo Moscovici, as representações sociais são modalidades de conhecimento particular que circulam no dia-a-dia e que têm como função a comunicação entre indivíduos criando informações e nos familiarizando com o estranho de acordo com categorias de nossa cultura por meio da ancoragem e da objetificação. Ancoragem é o processo de assimilação de novas informações a um conteúdo cognitivo-emocional pré-existente e objetificação é a transformação de um conceito abstrato em algo tangível.

Quero ressaltar que, a nosso ver, Moscovici realizou em seus estudos, exatamente o que Marková nos aportou como pressuposto para iniciar esta pesquisa, ou seja, ele apropriou dos estudos de Merleau-Ponty, no âmbito da experiência de mundo dinâmico e aberto, da linguagem e da percepção. Moscovici utiliza o método fenomenológico para chegar às representações sociais. Foi através da experiência de observação do objeto ou campo fenomênico, isto é, os indivíduos e suas formas representativas, que tornou possível a constatação da existência das representações sociais entre grupos de indivíduos. Sustentando esta argumentação evocamos a afirmação de Moscovici (2012, p. 27) que “Estamos todos envolvidos em imagens, linguagem ou cultura que são impostos por representações do grupo, ao qual pertencemos”. Somente um observador atento e interessado no assunto, poderia chegar a estas conclusões. Tal fenômeno, como o mundo dado em Merleau-Ponty. Entretanto, se o sujeito observador (Moscovici) não realizasse a experiência fenomênica, nada poderia

concluir. As conclusões alcançadas são comunicadas em forma de conhecimento reificado, isto é, devolvido para o meio social, porém como resultado do processo metódico que foi aplicado elevando-o ao status de conhecimento científico.

O conhecimento, e sobretudo, o conhecimento científico é resultado de processos metodológicos, com maior ou menor grau de investigação. No caso das representações sociais, Moscovici (2012, p. 8-9) afirma que:

O conhecimento é sempre produzido através da interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão nele implicados. O conhecimento emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração.

O conhecimento, enquanto representação social, é elaborado no que fazer do dia a dia dos indivíduos que por meio de convenções vão estabelecendo ideias, símbolos ou outros elementos significativos como produto já elaborado, conseqüentemente ancorado e objetivado.

Dessa forma, quando se trata de explicar um objeto dado, que resulte da percepção que o sujeito faz dele, Merleau-Ponty (2015, p. 242) assegura que “A denominação dos objetos não vem depois do reconhecimento, ela é o próprio reconhecimento”. À medida que reconheço, isto é, que percebo já posso dar a denominação. Nas representações sociais ocorre da mesma forma. À medida que o pesquisador observa o objeto ou o campo fenomênico, ele retira as conclusões que esta ou aquela representação faz parte deste ou daquele grupo de indivíduos de forma já ancorada e objetivada. Ousamos dizer que reconhecer é um passo para o conhecimento de algum ente qualquer que seja, porque é o processo de apreender este objeto que está manifestado no mundo. Neste sentido, Merleau-Ponty (2015, p. 242) garante que:

Para o pensamento pré-científico, nomear o objeto é fazê-lo existir ou modificá-lo. Deus cria os seres nomeando-os e é falando dos seres que a magia age sobre eles. Esses erros seriam incompreensíveis se a fala repousasse em um conceito, pois este deveria sempre conhecer-se como distinto dela e conhecê-la como um acompanhamento exterior.

No pensamento comum ou não científico é possível elaborar raciocínios que, uma vez comunicados através da linguagem, passam a ser aceitos como verdadeiros, porém no pensamento científico já não terão espaço para serem tidos como reais, isto é, verdadeiros. Na citação acima, Ponty faz uma referência ao texto de Gênesis, relatos da criação, em que o autor sagrado descreve o ato de criar como um ato mágico e linguístico. À medida que as coisas são nomeadas elas ganham sua existência, ou seja, quando um nome é pronunciado a elemento correspondente manifesta no mundo. “Haja luz e houve luz” (Gn 1,3). Ademais, este tipo de pensamento não é científico, adverte Ponty.

Existe, no entanto, uma correspondência entre a forma descrita nos relatos da criação e o processo no qual uma criança inicia seu conhecimento. “A criança aprende a conhecer os objetos através das designações das linguagens, que assim, dados primeiramente como seres linguísticos, os objetos só recebem secundariamente a existência natural”. (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 242). Paulatinamente, a criança vai aprendendo a relação entre o conceito apreendido e o objeto ao que o conceito designa.

Retomando o processo de como se realiza o pensamento e a fala no sujeito pensante, Merleau-Ponty (2015, p. 245) assevera que:

O orador não pensa antes de falar, nem mesmo enquanto fala; sua fala é seu pensamento. Da mesma maneira, o ouvinte não concebe por ocasião dos signos. O ‘pensamento’ do orador é vazio enquanto ele fala, e quando se lê um texto diante de nós, se a expressão é bem-sucedida, não temos um pensamento à margem do próprio texto, as palavras ocupam todo o nosso espírito, elas vêm preencher exatamente nossa expectativa e nós sentimos a necessidade do discurso, mas não seríamos capazes de prevê-lo e somos possuídos por ele.

A estrutura neuropsíquica de uma pessoa possibilita que o sujeito realize todo o processo de pensamento e comunicação de uma só vez. Não necessitando que primeiro pense, depois envie a mensagem para o setor correspondente que permite comunicá-lo através da fala. É evidente que nem todos os pensamentos transcorridos em um sujeito são comunicados a outras pessoas. A fala transmite o pensamento do sujeito de forma simultânea ao ato pensante, neste sentido, fala e pensamento tornam-se um único ato.

Entretanto, a fala e a escrita assumem a função de manifestar o pensamento, isto é, de torná-lo público. Enquanto o autor está escrevendo, a escrita equipara à fala e transmite o pensamento do autor. O leitor compreendendo o pensamento do autor passa a usufruir dele deixando de pensar por si mesmo e emergindo no pensamento do outro. Jesuino (2014, p. 61) se refere a um “[...] vaivém entre dicionários e enciclopédia a que os semiólogos darão tanto relevo, em grande medida, ao jogo de figuras de retórica como o caso dos tropos permitindo uma flexibilização interpretativa dos discursos”.

Nem todo discurso é, de antemão, absorvido pelo receptor, mas somente aqueles aos quais já são resultados de processos convencionais acordados entre emissor e receptor. A consulta a dicionários e enciclopédia entra como forma alternativa de auxílio para uma melhor compreensão dos dados implicados no discurso. Nas representações sociais e na fenomenologia encontramos algo similar. Nem sempre a observação dada de imediato será o que parece, uma vez que na Gestalt, por exemplo, no mesmo campo fenomênico podemos perceber uma imagem e depois outra bastante contraditória e, até dirá, como uma antítese da primeira observação. Já nas RS, às vezes, é necessária, inclusive a

constituição de um grupo focal, por exemplo, para complementar as informações advindas da coleta de dados que foi a visitação do campo observado.

Na tentativa de compreensão da própria realidade, como expressão da verdade, “Burke vai mais longe propondo inclusive que é através destas ligações intertextuais que se processa a procura da verdade. A distinção entre uma relação contrária e uma relação contraditória é importante” (JESUINO, 2014, p. 63). Ora, a nosso ver, Jesuino tem razão ao se referir aos estudos de Burke, no que diz respeito às ligações intertextuais. Se um pesquisador em representações sociais ou um fenomenólogo não estiver muito atento ao seu objeto de estudo, isto é, ao que se observa, seja um ente ou um grupo social, poderá escapar-lhe a percepção de algo essencial e jamais alcançará a verdade preterida. Novamente, nos referimos aqui à imagem da Gestalt que poderá fazer o observador concluir por algo que não é exatamente tudo que o sujeito ou o campo fenomênico deixou ser revelado.

Merleau-Ponty (2015, p. 245) acrescenta uma alternativa posta por Bergson sobre a memória-hábito e a recordação pura:

A alternativa bergsoniana entre a memória-hábito e a recordação pura não dá conta da presença próxima das palavras que conheço: elas estão atrás de mim, assim como os objetos estão atrás de minhas costas ou como o horizonte de minha cidade está em torno de minha casa; eu as levo em conta ou conto com elas, mas não tenho nenhuma imagem verbal.

A evocação da alternativa bergsoniana é, basicamente, o objetivo ajudar na compreensão dos elementos que formam o pensamento e a fala. Entretanto, Merleau-Ponty adverte que a proposta de Bergson não é o suficiente para elucidar a questão. As forças da memória, dos hábitos e da recordação pura não dão conta da formulação das imagens verbais que corroboram no processo da fala.

O fenomenólogo acrescenta que “Se elas persistem em mim, é antes como a Imago freudiana, que é muito menos a representação de uma percepção antiga do que uma essência emocional muito precisa e muito geral separada de suas origens empíricas. Resta-me da palavra aprendida o seu estilo articular e sonoro”. (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 245). Por outro lado, Moscovici (2012, p. 53) assegura que “O uso de uma linguagem de imagem e de palavras que se tornaram propriedade comum através da difusão de ideias existentes da vida e fecunda aqueles aspectos da sociedade e da natureza com os quais nós estamos aqui interessados”. O interesse de Moscovici não é pelo passado memorial, mas pelas formas vivas e dinâmicas que a linguagem, por meio de imagens, pode traduzir em conhecimento.

É assim que consideramos o sujeito pensante estar inserido no mundo onde concebe seus pensamentos e através da fala ou da escrita os comunica aos outros. Merleau-Ponty (2015, p. 249)

chega a assegurar que “O pensamento não é nada de interior, ele não existe fora do mundo e fora das palavras”. Qualquer pensamento que não for comunicado ficará na memória do sujeito, porém está condenado ao esquecimento com o passar dos dias. Merleau-Ponty insiste na tese de que não existe pensamento somente no âmbito da interioridade do sujeito:

O que nos engana a respeito disso, o que nos faz acreditar em um pensamento que existiria para si antes da expressão são os pensamentos já constituídos e já expressos dos quais podemos lembrar-nos silenciosamente e através dos quais nos damos a ilusão de uma vida interior. Mas na realidade, esse pretense silêncio é sussurrante de falas, esta vida interior é uma linguagem interior (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 249).

Se estiver correta a posição pontyana acima, podemos assegurar que, os pensamentos concebidos e não comunicados aos outros, pululam interiormente no próprio sujeito pensante, provocando a ilusão de realidade através de falas como formas de vida interior composta, também, de linguagem interior. Dada capacidade de formulação de pensamentos anteriores o sujeito pensante engana-se acreditando ser possível os pensamentos interiores sem a expressão que o torna público. Dessa forma, “A fala é um verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu” (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 249). O falante e o receptor da mensagem precisam de certos signos convencionais para haver a comunicação. Se as convenções foram estabelecidas, a fala é compreendida pelo receptor da mensagem, mas fica ainda o problema da compreensão dos sentidos tanto da fala quanto do gesto que podem ser díspares entre o falante e o ouvinte. Com isso, para Moscovici, “Cada experiência é somada a uma realidade predeterminada por convenções que, claramente, define suas fronteiras, distingue mensagens significantes de mensagens não significantes e que liga cada parte a um todo e coloca cada pessoa em uma categoria destina” (Moscovici, 2012, p. 35).

As convenções são instâncias que criam e regulam os atos da fala e da linguagem. O pacto resultante dessas convenções é cumprido no dia a dia no momento que falamos ou ouvimos. Entretanto, para ter significação e sentido no campo das representações sociais, elas precisam ser ancoradas e objetivadas usando para isso o produto das convenções, isto é, o que o grupo de indivíduo ou uma comunidade assumem alguns elementos mais significativos, ao passo que outros são elencados como menos importante.

O resultado desse processo pode ou não provocar representações tanto no emissor, quanto no receptor. Logo, acrescenta Merleau-Pony (2015, p. 249):

Mas isso não significa que as falas agem suscitando em mim representações que lhes seriam associadas e cuja reunião terminaria por reproduzir em mim a representação original daquele que fala. Não é com representações ou com um pensamento que em primeiro lugar eu comunico, mas com um sujeito falante, com certo estilo de ser e com o mundo que ele visa.

As representações que podem ser suscitadas nem sempre serão as mesmas no falante e no ouvinte, uma vez que elas não são automáticas. A comunicação se realiza em primeiro lugar entre pessoas com o modo de ser e viver delas e com o mundo no qual elas estão inseridas. Moscovici (2012, p. 35) falando sobre a tessitura dos pensamentos, ideias e crenças do impacto que podem exercer sobre os indivíduos ou da sociedade, diz que:

Nessa rede de crenças, cada fio depende dos outros fios e um Zande não pode deixar esse esquema, porque este é o único mundo que ele conhece. A rede não é uma estrutura externa em que ele está preso. Ela é a textura de seu pensamento e ele não pode pensar que seu pensamento esteja errado.

As impressões deixadas ou construídas na estrutura do intelecto de um indivíduo, por uma experiência realizada, sejam como sujeito observador de um fenômeno, sejam como membro de um grupo social que constroem as representações sociais, influenciam diretamente na forma de concepção do mundo que cada indivíduo tem.

Neste ínterim, reforça Merleau-Ponty (2015, p. 250) “O mundo linguístico e intersubjetivo não nos espanta mais, nós não o distinguimos mais do próprio mundo, e é no interior de um mundo já falado e falante que refletimos”. É neste contexto de mundo linguístico, falado e falante que as representações sociais são processadas. Elas, também, são assim para que sejam estabelecidas. Contudo, não basta alguém dizer uma expressão dada que isto torna-se automaticamente uma representação social, tudo depende de um longo percurso de ancoragem e objetivação, só nesse contexto, poder-se-á falar em representação social.

A fala tem, na visão de Merleau-Ponty, uma importância fundamental para podermos conhecer ou abarcar toda a realidade humana. Pois é nela, ou através dela que o homem conseguirá romper com os processos da fala, seus ruídos e atingir o silêncio primordial, isto é, antes da fala. Dessa forma, assevera Merleau-Ponty (2015, p. 250): “Nossa visão sobre o homem continuará a ser superficial enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe esse silêncio”.

O ser humano nasce com as estruturas neuropsíquicas e biológica, capaz de desenvolver a fala, mas somente em potência é um ser falante. Para que o indivíduo passe da potência ao ato, são necessárias certas condições, por exemplo: não possuir alguma anomalia psíquica ou biológica, a socialização, a escuta de outros falantes em sua volta, etc. A compreensão de todo o processo de desenvolvimento da fala incluindo os ruídos e silêncios até atingir a comunicação primitiva é condição para entender e explicar a totalidade humana. “A fala é um gesto, e sua significação um mundo”

(MERLEAU-PONTY, 2015, p. 250). Diria que mais do que gesto, a fala é um elemento fundamental na condição humana. Ela permite a criação da significação, da representação, da simbolização, entre outras funções. Dessa forma, que o seu significado pode ser um mundo. Um mundo carregado de coisas a ser aberto, desvelado e comunicado aos outros sujeitos falantes.

Merleau-Ponty (2015, p. 252) afirma que “é preciso restaurar a experiência do outro deformado pelas análises intelectualistas, assim como precisaremos restaurar a experiência perceptiva da coisa”. A análise é feita a partir do *locus* referencial, daquele que a faz. Sempre correremos o risco que o analista científico não consiga desnudar-se de uma couraça histórico-cultural e levar para suas interpretações intelectuais princípios ideológicos e não somente os manifestados no objeto de análise. Ainda, sobre a percepção de uma coisa Merleau-Ponty (2015, p. 252) assevera que:

Quando percebo uma coisa seja, por exemplo, uma chaminé, não é a concordância de seus diferentes aspectos que me faz concluir a existência da chaminé enquanto geometral e significação comum de todas essas perspectivas, mas inversamente *percebo a coisa em sua evidência própria e é isso que me dá a certeza de obter dela*, pelo desenrolar da experiência perceptiva, uma série indefinida de visões concordantes (grifo nosso).

A percepção de uma coisa se dá através do desvelamento que ela mesma deixa acontecer no mundo e aos olhos de quem percebe sem qualquer regra ou lei que estabeleçam princípios. O sujeito observador capta a evidência da manifestação fenomênica com toda a sua historicidade, mas sem impor nada de ideologia a fim de não corromper com princípios intelectualistas a própria percepção. “A chaminé é um sistema de equivalências que não se funda no reconhecimento de alguma lei, mas na experiência de uma presença corporal”. (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 252). O corpo é o instrumento de manifestação fenomênica do objeto, neste caso, a chaminé. O reconhecimento que faço dela e por meio de seu corpo. Sua presença comunicante, mesmo que de forma silenciosa, é comunicada e percebida pelo corpo no qual ela está presente no mundo.

Desse modo, conclui Merleau-Ponty (2015, p. 253) “É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo coisas”. Acrescentamos que percebemos e comunicamos nossa percepção através dos nossos corpos falantes. “A linguagem, concebe-se que a fala possa, como um gesto, significar sobre o fundo mental comum”. (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 254), onde eu como sujeito observador e falante, percebo a manifestação da fala do outro, percebo o outro e com ele e com o mundo posso comunicar-me através da linguagem.

Sobre o regresso eidético do humano, antes que comece a falar, parece já não ser possível, uma vez que, passou a produzir símbolos e significações, portanto, o regresso não se processa. Assim sendo, Merleau-Ponty (2015, p. 257) garante que “É impossível sobrepor, no homem, uma primeira camada

de comportamentos que chamaríamos de naturais e um mundo cultural ou espiritual fabricado”. O estado de natureza já não coaduna mais com a realidade de um mundo de cultura donde o espírito humano vai, cada vez mais, atingir patamares de *homo faber*. O estado de natureza, assim como trataram outros filósofos dentre eles Aristóteles, Hobbes e Rousseau, não pode mais ser reconstruído, mas somente imaginado. Entretanto, Merleau-Ponty (2015, p. 266) garante que:

A partir do momento em que o homem se serve da linguagem para estabelecer uma relação viva consigo mesmo ou com seus semelhantes, a linguagem não é mais um instrumento, não é mais um meio, ela é uma manifestação, uma revelação do ser íntimo e do elo psíquico que nos une ao mundo e aos nossos semelhantes.

A linguagem assume, neste contexto, uma dimensão fundamental na vida do indivíduo. Ela se encarrega de revelar a interioridade do ser para os semelhantes e para o mundo. Uma vez desenvolvida a linguagem, já não é possível pensar sem esta manifestação comunicativa. Neste sentido, é importante citar ainda a afirmação de Merleau-Ponty (2015, p. 266):

Poderíamos dizer, retomando uma distinção célebre, que as linguagens, quer dizer, os sistemas constituídos de vocabulário e de sintaxe, os meios de expressão que existem empiricamente são o depósito e a sedimentação de atos de fala nos quais o sentido não formulado não apenas encontra o meio de traduzir-se no exterior, mas ainda adquire a existência para si mesmo, e é verdadeiramente criado como sentido.

No depósito e na sedimentação dos atos de fala é onde, até mesmo, os sentidos que ainda não foram formulados encontram sustentação para traduzir-se para o exterior tornando real sua existência com sentido para si mesmo, para o outro e para o mundo. As RS também são assim, elas são construtos individuais ou coletivos que comunicam para a exterioridade do sujeito ou do grupo aquilo que estava limitado por convenções ao interior dos representados. Merleau-Ponty (2015, p. 267) afirma que “Sempre observaram que o gesto ou a fala transfiguravam o corpo, mas contentavam-se em dizer que eles desenvolviam ou manifestavam outra potência, pensamento ou alma”. Já o resultado da transfiguração sendo pensamento ou alma nem sempre era objeto de estudo. Neste sentido, acrescenta Merleau-Ponty (2015, p. 267) “Não se via que, para poder exprimi-lo em última análise, o corpo precisa tornar-se o pensamento ou a intenção que ele nos significa. É ele que mostra, ele que fala, eis o que aprendemos”. Fala, pensamento, alma e corpo são elementos intrínsecos de uma mesma realidade que está no mundo manifestadas através do corpo que fala e comunica, a si mesmo e aos outros.

Somente posso existir para o mundo através de meu corpo, isto é, é por meio dele que posso manifestar e comunicar com o outro e o próprio mundo. “Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar

por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele” (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 269). Ter a sensação de meu próprio corpo ou o corpo dos outros é o primeiro passo de um processo que se estende a percepção e depois ao conhecimento. O corpo presente no mundo está sempre vivo, do contrário não poderá mais comunicar-se e passar pelo processo de sensação, percepção e conhecimento. Poderá até ser conhecido, deixar ser capturado por algum observador, mas ele mesmo já não captura mais nada a sua volta.

Portanto, sou meu corpo exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural como um esboço provisório de meu ser total. Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade. (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 269).

O Corpo é o único meio pelo qual posso conhecer e ser conhecido. Ouvir e falar, ele é no mundo a experiência e a consciência de minha existência. A secção cartesiana de corpo e mente não possibilita a realização de uma percepção completa no mundo, pois de um lado, está o corpo-objeto e, do outro, um pensamento sobre o objeto.

Conforme vimos acima, Merleau-Ponty assegura que a fala torna-se pensamento e o pensamento torna-se corpo através do qual é possível manifestar-se e comunicar-se com o outro e com o mundo. “Mas em Descartes esse singular saber que temos de nosso corpo apenas pelo fato de que somos um corpo permanece subordinado ao conhecimento por ideias porque atrás do homem tal como de fato ele é, encontra-se Deus enquanto autor racional de nossa situação de fato” (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 269).

Merleau-Ponty realiza nesta passagem uma crítica a ideia de corpo mente propostas por Descartes. Embora tenhamos consciência de nosso corpo pelo ato do pensamento, na posição cartesiana, isso ainda não assegura a existência de um corpo fenomênico, segundo colocação pontyana, uma vez que a permanência de um Deus, por traz do ato de conceber o corpo fica no plano da metafísica e não da fenomenologia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concretizarmos o objetivo proposto para esta pesquisa iniciamos com base no pressuposto dado por Marková (2017) de que Moscovici se apropriou de conceitos importantes da *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty para a produção da Teoria das Representações Sociais. Marková apontou três elementos que deram o norte de nossa investigação, são eles: a experiência de vida aberta

no mundo; a fenomenologia da linguagem e fenomenologia da percepção. Neste ensaio, discorreremos sobre o segundo dos três elementos.

A fenomenologia da linguagem é a ampliação ou desdobramento do primeiro elemento apropriado por Moscovici, que se constitui do sistema de vida aberto e dinâmico no mundo constitui o local, sem o qual, nenhum sujeito pode realizar observações fenomênicas. O mundo dado aos olhos do observador, está aí de forma dada como campo fenomênico. Entretanto, cada indivíduo tem seu ponto de observação. Este é constituído por toda sua herança histórico-cultural. Ao realizar uma experiência, o observador leva consigo, além das metodologias escolhidas para tal abordagem, seu contexto social.

O objeto ou fenômeno observado deve revelar por si mesmo tudo que o observador for capaz de apropriar na observação. Entretanto, ao descrever a experiência, tornando-a pública é possível que a carga histórico-cultural do mesmo seja um ponto importante na sistematização e análise dos dados observados, sobretudo, no campo das representações sociais e da linguagem, uma vez que, o sujeito observador deve desdobrar-se atenciosamente para não perder elementos sensíveis importantes das representações sociais dos grupos ou sociedades observadas.

A linguagem, como as representações sociais, é fruto de convenções, em que o falante e o ouvinte participam de um mundo construído de símbolos, significantes e significados. A comunicação entre falante e ouvinte pode ser realizada por diferentes meios: som, gestos e ou imagens por exemplo. Entretanto, para que haja comunicação, ambos devem estar de acordo para que os códigos sejam decodificados ou interpretados resultando no processo de comunicação.

Pela pesquisa realizada em Merleau-Ponty e Moscovici concluímos que, de fato, não iniciamos a cada amanhecer um novo processo de conhecimento. Mas, sempre partimos da herança histórico-cultural sobre a qual nossa geração se ergue. Neste sentido, percebemos que Marková (2017) tem razão ao afirmar que Moscovici fez uso de dados estudados por Merleau-Ponty. Ao longo desse ensaio discutimos e demonstramos alguns pontos de proximidade, mas também, de distanciamento entre os dois teóricos perseguindo o nosso objetivo.

REFERÊNCIAS

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BERTONI, Luci Mara; GALINKIN, Ana Lúcia. TEORIA E MÉTODOS EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. In: MORORÓ, L. P.; COUTO, M. E. S.; ASSIS, R. A. M. (Orgs). Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, p. 101-122. doi: 10.7476/9788574554938.005. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/yjxdq/epub/mororo-9788574554938.epub>>. Acesso em: <19 de ago. 2018>.

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projeto de Pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JESUINO, Jorge Correia. UM CONCEITO REENCONTRADO. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRIDADE, Zeidi Araujo (Orgs.) Teoria das Representações Sociais: 50 anos. 2. ed. Brasília: Technopolitik. 2014. p. 41-75.

MARKOVÁ, Ivana. A FABRICAÇÃO DA TEORIA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. Tradução de Beatriz Gama Rodrigues e João Kaio Barros. Cadernos de pesquisa. v. 47, n. 163, p. 358-375, jan/mar. 2017.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. A ABORDAGEM ESTRUTURAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. Psicologia da Educação. São Paulo, 14/15, 1 e 2 sem. de 2002, p. 17-37. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/31913>>. Acesso em: <15 de jun de 2018>.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: Investigação em psicologia social. Tradução do Inglês por Pedrinho A. Guarechi. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SANTOS, Pedro António dos. Fundamentos de Sociologia Geral. São Paulo: Atlas, 2013.